

# Que ciência é a psicanálise?

## What science is psychoanalysis?

PEDRO CARRERE

### RESUMO:

No artigo a seguir, farei uma breve revisão de quatro momentos da história da ciência moderna, cada um dos quais se refere ao vínculo entre dois campos diferentes do conhecimento. O objetivo do artigo será estabelecer algumas diferenças para dar coerência, analisar e questionar algumas das afirmações de Lacan sobre o status epistêmico de sua psicanálise. O artigo pretende abordar o problema do lugar da psicanálise entre as ciências (naturais, humanas, exatas, etc.), especialmente à luz de certos desenvolvimentos científicos do século XX que exigem uma revisão do conceito de natureza tal como é entendido na modernidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** ciência – natureza – sujeito – objetividade – matemática.

### ABSTRACT:

In the following paper I will briefly review four moments in the history of modern science, each of which refers to the link between two different fields of knowledge. The aim of the paper will be to establish some differences that allow us to give coherence, to analyze and question some of Lacan's statements about the epistemic status of his psychoanalysis. The paper intends to deal with the problem of the place of psychoanalysis among the sciences (natural, human, exact, etc.), especially in the light of some scientific novelties of the 20th century which require a revision of the concept of nature as it is understood in modernity.

**KEYWORDS:** science – nature – subject – objectivity – mathematics.

A pergunta no título implica, desde o início, algumas coisas:

- A psicanálise é uma disciplina que participa ou pretende participar do campo científico.
- Existem diferentes tipos de ciência.

Devemos acrescentar a esses pontos o fato de que a própria definição de ciência é um problema que está longe de ser resolvido e que sempre foi objeto de controvérsia. Lacan apresenta a questão da cientificidade da psicanálise como intimamente ligada ao problema da definição de ciência:

[...] há algo no estatuto do objeto da ciência que não nos parece ter sido elucidado desde o nascimento da ciência [...] a posição da psicanálise dentro ou fora da

ciência, também indicamos que essa questão não poderia ser resolvida sem modificar, sem dúvida, a questão do objeto na ciência como tal.<sup>1</sup>

Para Lacan, a relação entre a psicanálise e a ciência está intimamente ligada à questão do que é o objeto da ciência. Ou seja, não podemos tratar dessa relação sem abordar, ao mesmo tempo, o problema da própria definição de ciência. Portanto, dizer que a psicanálise é uma ciência, ou que não é, não tem sentido. Para nós, a questão mais relevante não será responder à pergunta “O que é ciência?”, o que nos levaria a debates intermináveis no campo da epistemologia. Uma questão mais interessante para nós seria: qual é o nosso modelo de ciência quando se trata de sustentar a psicanálise de Lacan como uma disciplina pertencente ao campo científico; é o modelo de ciência como a forma de acesso a uma verdade transumana – a forma de conhecer as coisas como elas são –; ou é o de uma ciência que, apesar de suas virtudes, não consegue se desvencilhar das questões humanas?

Nesse caso, apresentarei uma breve visão geral de quatro momentos – não cronológicos – na história da ciência moderna, cada um dos quais consiste em uma ligação entre dois campos do conhecimento. O objetivo deste recorrido é estabelecer algumas diferenças para responder às perguntas formuladas acima.

Cada um desses momentos é esquematizado como uma disciplina emergente que busca ratificar seu status de ciência, apoiando-se em disciplinas consolidadas dentro do campo científico. Isso é o mesmo que a psicanálise tentou, em sua curta história, por meio de seus grandes referentes – Freud e Lacan –, embora de maneiras que não lhe permitiram, até agora, obter o reconhecimento como disciplina científica, nem mesmo entre seus praticantes. O que fica claro é que a psicanálise, como qualquer outra disciplina científica – ou com pretensões à cientificidade –, encontra seus fundamentos em seus vínculos com outros conhecimentos cientificamente consolidados.

Os quatro momentos apresentados aqui são considerados por Lacan, de diferentes maneiras, ao longo de sua obra. Seu estabelecimento visa orientar a escolha de nossas referências científicas, para a leitura crítica e a continuação de alguns de seus desenvolvimentos, tentando avançar na elucidação do estatuto epistêmico de sua psicanálise.

## **1- [Ciências naturais (física) □ matemática] □ origem da ciência moderna**

Como mostra Koyré, a matemática adquire, na modernidade, um papel fundamental que não tinha na ciência aristotélica da Idade Média. A ciência moderna baseia-se na integração das ciências

---

<sup>1</sup> Lacan, J. (2009). A ciência e a verdade. Em *Escritos 2*. Cidade do México: Siglo XXI. p. 820.

naturais – especialmente a física – e a matemática. Para Galileu, “o livro da natureza está escrito em linguagem matemática”.<sup>2</sup> A manobra que dá origem a essa nova ciência é a redução da natureza física à sua expressão matemática. Lacan descreve essa operação como o momento em que o cosmos foi silenciado. O movimento das estrelas, que antes da modernidade era uma fonte privilegiada de significados sobre o ser humano, seu ambiente e seu devir, é reduzido à lei da gravitação universal de Newton. A verdade é foracluída sob a mudez da fórmula matemática. O universo se torna um grande mecanismo de relógio e a ciência se encarrega de conhecer as leis matemáticas que regem o funcionamento de suas engrenagens.

## 2- (Ciências humanas □ ciências naturais) □ positivismo

Durante o século XIX, sob o reinado do positivismo, as novíssimas ciências humanas procuraram garantir sua cientificidade por meio dos mesmos métodos de explicação dos fatos aplicados nas ciências naturais. Sob a perspectiva positivista, as ciências naturais não são matemáticas, mas experimentais. Ou seja, a fonte de conhecimento é a observação e a experimentação, a partir das quais as explicações são estabelecidas em termos de leis causais.

Auguste Comte falou sobre a construção de uma “física social” para o estudo das sociedades humanas. A ideia era que o funcionamento das sociedades deveria ser explicado por meio do estabelecimento de leis gerais seguindo o modelo empirista das ciências naturais. O funcionamento das sociedades humanas será regido por leis gerais capazes de explicar e prever seu funcionamento. Essa ideia pressupõe que há uma essência do ser humano da mesma forma que há uma essência da natureza. É uma questão de conhecer as coisas como elas são para ter acesso a um conhecimento verdadeiramente objetivo. Ser capaz de explicar as mudanças no mundo social seria mais complicado do que no mundo natural, mas a metodologia seria a mesma.

Esse é o contexto epistêmico no qual Freud criou a psicanálise e a apresentou como uma das ciências naturais:

A concepção segundo a qual o psíquico é o próprio inconsciente permite que a psicologia seja configurada como uma ciência natural entre outras.<sup>3</sup>

O encaminhamento dos fenômenos humanos à fisiologia estava presente em Freud e em outros cientistas sociais de sua época, como Durkheim e Henry Morgan, sob a consideração de que

<sup>2</sup> Galilei, G. (1981). *El Essayador*. Buenos Aires: Aguilar. p. 19.

<sup>3</sup> Freud, S. (1991). *Esboço de psicanálise. Obras completas*. V. XXIII. Buenos Aires: Amorrortu. p. 156.

somente o modelo das ciências biológicas possibilitava uma abordagem científica das questões humanas.

Para o positivista, há apenas um tipo de racionalidade possível, com base nessa concepção empirista das ciências naturais.

### 3- (Ciências humanas □ matemática) □ estruturalismo

A perspectiva estruturalista significa, para Lacan, uma “nova ordem das ciências”,<sup>4</sup> que retificaria a manobra positivista para as ciências humanas:

Essa nova ordem não significa outra coisa senão um retorno a uma noção de ciência verdadeira que já tem seus títulos inscritos em uma tradição que começa em Teeteto. Essa noção foi degradada, como sabemos, na inversão positivista que, ao colocar as ciências do homem no topo do edifício das ciências experimentais, as subordina a elas na realidade.<sup>5</sup>

O *Teeteto* é um diálogo de Platão no qual é levantada a questão de como definir o saber: como o produto da mera observação, da crença verdadeira, etc. A definição mais interessante do diálogo é que o saber é “uma opinião verdadeira acompanhada de uma explicação”. Ou seja, uma opinião ou crença verdadeira só se torna uma episteme na medida em que é acompanhada de uma justificativa que explica por que ela é verdadeira. Lacan parece recorrer ao diálogo para contestar a ideia de que as ciências humanas devam seguir os mesmos critérios epistêmicos das ciências experimentais ou empíricas, aquelas disciplinas para as quais o conhecimento sobre o mundo foi obtido, não por justificação racional, mas por observação. Lacan rejeita explicitamente esse monismo metodológico do positivismo:

[...] podemos dispensar o complemento transcendente implícito na posição positivista, que sempre se refere a uma unidade última de todos os campos. Vamos desconsiderá-lo porque, afinal, ele é discutível e pode até ser considerado falso. Não há necessidade de que a árvore da ciência tenha apenas um tronco.<sup>6</sup>

<sup>4</sup> Lacan, J. (2009). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. Em *Escritos I*. Cidade do México: Siglo XXI. p. 274.

<sup>5</sup> Ibidem.

<sup>6</sup> Idem. (2010). *El Seminario. Libro II*. Aula de 15 de janeiro de 1964. Buenos Aires: Paidós. p. 16.

Apesar dessa rejeição, Lacan também rejeita outras posições que propõem uma epistemologia autônoma para o campo das ciências humanas como alternativa ao monismo positivista, como a hermenêutica e as filosofias da compreensão.<sup>7</sup> Em vez disso, ele se baseia nos desenvolvimentos do estruturalismo, que, recuperando o espírito da ciência galileana, propõe uma mudança na fonte do conhecimento científico em relação ao positivismo. O modelo de Lévi-Strauss propõe estender a noção matemática de estrutura às ciências humanas. Lacan se baseia nessa perspectiva como uma estratégia teórica para resgatar a psicanálise do reducionismo biologicista de Freud.

Lévi-Strauss, valendo-se dos desenvolvimentos da fonologia<sup>8</sup> e da linguística estrutural, propõe estender a noção de estrutura a qualquer campo da cultura humana, uma vez que todos eles poderiam ser entendidos como “um sistema de signos”, como Saussure define a linguagem.<sup>9</sup> Para Lévi-Strauss, todos os domínios da cultura são estruturados como uma linguagem; e a linguagem, a partir dos desenvolvimentos da fonologia, é o fenômeno humano que mais se presta ao estudo científico. Lévi-Strauss fundamenta essa última afirmação baseando-se na descrição da fonologia feita por Nicolas Trubetzkoy, seu fundador:

[...] em primeiro lugar, a fonologia passa do estudo dos fenômenos linguísticos conscientes para sua estrutura inconsciente; recusa-se a tratar os termos como entidades independentes e toma como base de sua análise, ao contrário, as relações entre os termos; introduz a noção de sistema [...]; finalmente, procura descobrir leis gerais, quer as encontre por indução ou então: “deduzindo-as logicamente, o que lhes dá um caráter absoluto”.

Dessa forma, e pela primeira vez, uma ciência social consegue formular *relações necessárias*.<sup>10</sup>

Lévi-Strauss conclui que os desenvolvimentos na fonologia confirmam a cientificidade da linguística, pois demonstram que ela é uma disciplina na qual “pode-se afirmar [...] que a influência do observador sobre o objeto de observação é insignificante: não basta que o observador tome consciência do fenômeno para que ele mude como resultado”.<sup>11</sup> O caráter inconsciente dos fenômenos linguísticos consiste no fato de que não basta conhecer as leis sintáticas e morfológicas de um idioma para que esse conhecimento modifique a expressão. Em outras palavras, a pessoa não

<sup>7</sup> Essas perspectivas enfatizam a experiência subjetiva e não a questão estrutural.

<sup>8</sup> A fonologia é o estudo dos fonemas, unidade mínima e sem sentido da linguagem, crucial para acentuar o valor exclusivamente diferencial dos elementos da estrutura.

<sup>9</sup> “A linguagem é um sistema de signos que expressa ideias, e portanto comparável à escrita, ao alfabeto dos surdos e mudos, aos ritos simbólicos, às formas de cortesia, aos sinais militares, etc., etc. Só que é o mais importante de todos estes sistemas”. Em De Saussure, F. (1945). *Curso de linguística geral*. Buenos Aires: Losada. p. 43.

<sup>10</sup> Lévi-Strauss, C. (1995). *Antropologia estrutural*. Barcelona: Paidós. p. 77. O itálico é meu.

<sup>11</sup> *Ibidem*. p. 98.

muda sua maneira de falar porque conhece melhor as leis de seu idioma, mas essas leis operam inconscientemente, quer a pessoa as tenha estudado ou não. Nessa independência das leis da linguagem está a objetividade do fenômeno linguístico; objetividade que, para Lévi-Strauss, como para todos os modernos, é sinônimo de cientificidade.

Dada essa independência da linguagem em relação ao falante, pode-se pensar, como Trubetzkoy, que as leis de associação entre os termos da linguagem podem ser dedutivas, ou seja, que são relações logicamente necessárias. É nesse interesse em ordenar as estruturas sociais em termos de relações necessárias ou dedutivas que o sentido desse terceiro momento é capturado.

Assim como, para Galileu, as leis da natureza são matemáticas, o estruturalismo é orientado para um tratamento matemático das questões humanas. Lacan parece aderir totalmente a essa proposta quando diz, por exemplo: “As leis da intersubjetividade são matemáticas”.<sup>12</sup> O fato de serem matemáticas significa para Lacan, assim como para Lévi-Strauss, que a legalidade do vínculo social poderia ser reduzida, seguindo o modelo da fonologia, a uma pura combinatória livre da influência do observador:

Para que aqueles que não entendem imediatamente o que eu designo ali possam percebê-lo rapidamente, perguntem a si mesmos quem jamais falaria, em termos do que é assegurado como uma construção matemática, de qualquer incidência do que em outro lugar se destaca como o observador. Não há nenhum traço concebível na matemática do que é chamado de erro subjetivo [...] não há meio-termo – ou os termos do discurso são exatos, irrefutáveis, ou não são.

[...] a formalização desse discurso (matemático) consiste em garantir que ele permaneça sozinho, mesmo que o matemático tenha se evaporado completamente.<sup>13</sup>

O estruturalismo é a perspectiva que estuda as estruturas sociais com base no ideal matemático de um conhecimento purificado de erros subjetivos. Assim como na ciência matematizada da modernidade a natureza é transformada em um relógio, o estruturalismo representa uma perspectiva semelhante para a abordagem das estruturas sociais.<sup>14</sup>

#### **4- [Ciências naturais (física) □ ciências humanas] □ mecânica quântica**

<sup>12</sup> Lacan, J. (2009). Situação da psicanálise e formação do psicanalista em 1956. *Escritos I*. Cidade do México: Siglo XXI. p. 443.

<sup>13</sup> Idem. (2008). *Seminário 16*. Aula de 8 de janeiro de 1969. Buenos Aires: Paidós. p. 88.

<sup>14</sup> Ao estudar o mundo social com os mesmos parâmetros das ciências naturais, ainda que estes não sejam mais os de natureza observável, mas sim os de natureza matematizada, o estruturalismo é incluído por alguns autores no projeto positivista. Aqui, seguindo Lacan, apresento-as como duas modalidades diferentes de ligação entre as ciências humanas e naturais.

Esse quarto momento diz respeito a certas descobertas que questionam o fato de que as ciências – naturais e humanas – devem ser orientadas para eliminar a influência do observador por meio da matematização do conhecimento.

A redução da linguagem a uma combinatória pura pode ser relevante ao lidar com o conjunto finito de fonemas e suas possíveis articulações. Nesse sentido, Lévi-Strauss propõe que os fonemas de uma língua poderiam ser organizados em uma tabela periódica como a de Mendeleiev. Entretanto, assim que o problema do significado e suas particularidades históricas são levados em consideração, a estrutura da linguagem exclui qualquer possibilidade de totalização e se torna, nas palavras de Derrida, “um jogo (...) de infinitas substituições no fechamento de um conjunto finito”. As possíveis substituições são infinitas porque esse campo carece de “um centro que interrompa e funda o jogo de substituições”.<sup>15</sup> Em outras palavras, a noção de estrutura terá de se tornar mais complexa no sentido de que, como Umberto Eco especifica claramente em *A estrutura ausente*:

Se a estrutura existe, ela não pode ser definida, não há metalinguagem que possa aprisioná-la. Se ela se torna individualizada, não é mais a última.<sup>16</sup>

Essa mesma ideia está em Lacan. Não há metalinguagem que possa definir os limites da estrutura. “Não há ‘todos os elementos’, há apenas conjuntos a serem determinados em cada caso”, diz Lacan em “A Terceira”.<sup>17</sup> Nesse sentido, não haveria possibilidade de reduzir a estrutura a uma “pura combinatória”. Essa perspectiva sobre a noção de estrutura pressupõe, é claro, uma combinatória. Mas essa combinatória nunca pode ser pura. O fato de não ser pura significa que ela não é suficiente em si mesma, mas que precisará de alguma instância decisiva para ser estabelecida.

É uma legalidade homóloga ao princípio da incerteza de Heisenberg para a física. De acordo com esse princípio, no mundo quântico, não é possível estabelecer, ao mesmo tempo, duas quantidades, como a velocidade e a localização de uma partícula no espaço. Pela própria estrutura da realidade quântica, se soubermos a velocidade, não saberemos a posição e vice-versa. Não temos outra opção a não ser escolher o que vamos saber.

Ao contrário da perspectiva de Lévi-Strauss, essa versão não determinista<sup>18</sup> da estrutura questiona a possibilidade de objetivar a realidade humana em termos de relações de necessidade e livre da influência do observador. Este é um momento na ciência em que, pela primeira vez, a

<sup>15</sup> Derrida, J. (1989). *Escrita e diferença*. Barcelona: Antropos. p. 397.

<sup>16</sup> Eco, U. (1986). *A estrutura ausente*. Barcelona: Lumen. p. 286.

<sup>17</sup> Lacan, J. (2007). A Terceira. Em *Intervenciones y Textos*. Buenos Aires: Manantial.

<sup>18</sup> “O determinismo só é possível para um observador localizado fora do mundo”. Em Prigogine, I. (1997). *Apenas uma ilusão? Uma exploração do caos à ordem*. Barcelona: Tusquets. p. 17.

natureza física e as questões humanas entram em um relacionamento ou, como diz Ilia Prigogine, “um novo diálogo entre o homem e a natureza”.<sup>19</sup> Esse novo diálogo significa, para ambos os campos do conhecimento, o questionamento do ideal moderno de que toda a realidade científica seria equivalente à sua expressão como pura combinatória matemática.

Em seu artigo sobre o conceito de estrutura matemática, citado por Lacan no *Seminário 14*, Marc Barbut faz uma ressalva quanto à aplicação do conceito nas ciências humanas. Lá, ele se refere a:

[...] a oposição e o contraste entre a riqueza das estruturas com as quais as ciências humanas têm de lidar e a relativa pobreza geral daquelas às quais o matemático se refere. Essa oposição destaca o fato de que a grande eficiência dos modelos matemáticos é paga por uma redução dos fenômenos aos quais eles são aplicados a uma simplicidade que raramente corresponde realmente aos objetos das ciências humanas. Quando o real é complexo, como também é o caso das ciências físicas, é necessário, quando a matemática, em seu estado atual, é aplicada a ele, não perder de vista o fato de que as primeiras apenas retêm [em suas estruturas] certas características, que são indubitavelmente interessantes e contam; mas é preciso saber como determinar quais são essas características e não esquecer que o objeto das ciências sociais não se reduz a elas e, em geral, as transcende.<sup>20</sup>

Ao contrário de Lévi-Strauss, Barbut recupera a distinção entre ciências humanas e matemática. Ao mesmo tempo, ele estabelece uma relação entre a primeira e a física, com base no tipo de complexidade dos fenômenos em ambos os campos. Desse ponto em diante, não é a noção de estrutura que é questionada, mas sua redução a uma matriz final de invariantes como modelo para as ciências humanas.

Com base na independência das leis da linguagem em relação ao falante – o inconsciente –, Lévi-Strauss passa a considerar as estruturas sociais como expressões diferentes do mesmo espírito humano meta-histórico:

Sem nos fazer sair de nós mesmos, (o inconsciente) nos faz coincidir com formas de atividade que são ao mesmo tempo nossas e de outros, condições de todas as vidas mentais, de todos os homens e de todos os tempos.<sup>21</sup>

<sup>19</sup> Ibidem. p. 24.

<sup>20</sup> Barbut, M. (1967). O significado da palavra estrutura em matemática. Em Pouillon, J. e outros. (1967). *Problemas do estruturalismo*. Cidade do México: Siglo XXI. p. 98.

<sup>21</sup> Lévi-Strauss, C. (1979). Introdução à obra de Marcel Mauss, por Claude Lévi-Strauss. Em Mauss, M. (1979). *Sociologia e Antropologia*. Madri: Technos. p. 28.

Umberto Eco encontra, nesse tipo de afirmação de Lévi-Strauss, o que ele chama de passagem de um estruturalismo metodológico para um estruturalismo ontológico. Eco, embora enfatize o valor da noção de estrutura como método de pesquisa para as ciências humanas, rejeita a tendência à ideia de uma meta-estrutura, um espírito humano universal além de todas as variações históricas:

Descoberta como imóvel e eterna, nas próprias raízes da cultura, a estrutura se tornou – a partir do instrumento que era – um Princípio Hipostático. As consequências desse fato na análise etnológica já foram vistas: se um novo fenômeno não se encaixa na rede estrutural, o fenômeno deve ser descartado, pois é falso.<sup>22</sup>

Eco questiona a ideia de que existe uma estrutura do humano. Ele adverte contra o perigo de supor que o humano possa ser reduzido a uma estrutura fundamental, por causa das consequências segregativas que isso pode ter. Basta lembrar os horrores que ocorreram sempre que as diferenças culturais foram interpretadas como sinal de uma exterioridade em relação ao que é essencialmente humano.

Em consonância com a ideia de Eco, Juan Cruz Cruz explica claramente essa diferença entre uma estrutura ontologizada e o valor metodológico da noção de estrutura:

[...] a última estrutura descoberta não possui um sentido ontológico, mas meramente operativo, já que uma nova investigação pode ainda revelar que se trata de uma estrutura intermediária, suscetível de articulação em outra mais profunda.<sup>23</sup>

Sempre haverá novas possibilidades para a atividade de estruturação do pesquisador. A estrutura ausente é a estrutura das estruturas, a “ordem das ordens” na qual Lévi-Strauss se baseou. Apesar de seu entusiasmo pelo trabalho do etnólogo, é possível encontrar em Lacan uma rejeição semelhante da ideia de uma estrutura ontologizada. Isso é de se esperar, uma vez que sua psicanálise constitui uma teoria e uma prática destinadas a produzir modificações no nível das estruturas simbólicas, e não a recuperar a estrutura universal do humano a partir de sofrimentos particulares. Essa última é, sem dúvida, a orientação da teoria freudiana, mas não a de Lacan. A noção de desejo é um dos lugares onde a rejeição de Lacan pode ser lida:

---

<sup>22</sup> Eco, U. (1986). Op. cit. p. 264.

<sup>23</sup> Cruz, J. C. (1974). *Revista de Estudos Filosóficos*. Vol. 23 Nº 62. Pag 51. Disponível em: <http://estudiosfilosoficos.dominicos.org>

Os símbolos, de fato, envolvem a vida do homem com uma rede tão total que reúnem, antes que ele venha ao mundo, aqueles que o engendrarão “por ossos e carne”, que trazem ao seu nascimento, com os dons das estrelas, se não com os dons das fadas, o desenho de seu destino, que dão as palavras que o tornarão fiel ou renegado, a lei dos atos que o seguirão mesmo onde ele ainda não está e além de sua própria morte [...].

Servidão e grandeza em que o vivo seria aniquilado, se o desejo não conservasse sua parte nas interferências e pulsações que fazem convergir sobre ele os ciclos da linguagem, quando a confusão das línguas se mistura a tudo isso e as ordens se contradizem nos rasgos da obra universal.<sup>24</sup>

Aqui vemos claramente o paradoxo que a noção de estrutura de Lacan acarreta. Se o ser humano é precedido em sua existência por uma rede simbólica, o que faz dela uma “rede total”, ela nunca coincidirá com uma estrutura universal que sirva de base explicativa fundamental para todos os fenômenos humanos. Para Lacan, não há determinismo de estrutura. A preexistência do simbólico não pressupõe uma subserviência absoluta a uma ordem estrutural total. Desejo é o nome dessa falha que torna impossível a existência de uma metaestrutura fundamental, que Lacan chama aqui de trabalho universal. A obra universal refere-se à ideia de que, além de todas as diferenças culturais e históricas, existiria uma estrutura fundamental da qual derivariam todas as manifestações humanas, em todos os tempos e em todas as culturas.

Para Lacan, a estrutura, como uma ordem simbólica preexistente, não constitui um determinismo, nem implica a aniquilação absoluta do humano. Ao contrário, por definição, a estrutura implica um resto, que Lacan chama de desejo, e que está ligado à possibilidade de produzir modificações por meio da cura psicanalítica.

O valor da estrutura como método – e não como o que existe – nos leva à questão de como o psicanalista realiza, em cada análise, sua atividade estruturante, ou seja, como ele é capaz de estabelecer a estrutura do caso.

Esse quarto momento constitui o paradigma dessa perspectiva. O estabelecimento da estrutura tanto da natureza física quanto dos fenômenos sociais não estará ligado à descoberta de uma realidade eterna e universal, mas às circunstâncias particulares do dispositivo experimental. A pesquisa não será uma observação purificada do que existe, mas uma interação entre o observador e

---

<sup>24</sup> Lacan, J. (2009). Função e campo das palavras e da linguagem em psicanálise. Op. cit. p. 269.

o observado. A natureza – física e social – não será mais um mecanismo de relógio, mas uma realidade a ser pensada contextualmente. Como diz Bohr:

É errado pensar que a tarefa da física é descobrir como é a natureza. A física está interessada apenas no que pode ser dito sobre ela.<sup>25</sup>

Sob essa perspectiva, a falta de ser é do ser humano, mas também da natureza física. O conhecimento sobre a natureza, ao contrário da manobra que deu origem à ciência moderna, não buscará mais garantir sua objetividade por meio da matemática que permite apagar o observador. Pelo contrário, os limites estabelecidos pela episteme moderna entre o mundo natural e o mundo humano tendem a se dissolver. A natureza física passa a ser integrada à ação humana e é modificada de acordo com o conhecimento que se tem sobre ela. Miguel Ferrero Melgar afirma que:

A física é, em parte, uma atividade social que se constrói submersa na linguagem, sem que nenhum dos passos que se realizam nela seja alheio a essa circunstância.<sup>26</sup>

A questão da relação da física com a linguagem está ligada aqui ao que Bohr chamou de “o problema da descrição”. Ela se refere às dificuldades que os cientistas têm para comunicar os resultados de seus experimentos uns aos outros, já que eles não podem mais se excluir de suas descrições da realidade.

A questão humana é reintroduzida no campo científico em um duplo sentido. Por parte do pesquisador, devido ao impacto que as condições de observação – condições experimentais, mas também sócio-históricas – têm sobre o próprio processo de pesquisa. Por outro lado, e como consequência do que foi dito acima, a própria natureza adquire um tipo de condição subjetiva. Diz Bohr:

Fomos forçados a abandonar, passo a passo, a descrição causal do comportamento individual dos átomos no espaço e no tempo e a considerar que *a natureza escolhe livremente* entre diferentes possibilidades às quais somente considerações probabilísticas podem ser aplicadas.<sup>27</sup>

---

<sup>25</sup> Polkinghorne, J. (2007). *Explorar a realidade*. Cantábria: Sal Terrae. p. 33.

<sup>26</sup> Ferrero Melgar, M. (1988). Prólogo. Em Bohr, N (1988). *Teoria atômica e a descrição da natureza*. Madri: Alianza Universitária. p. 40.

<sup>27</sup> Bohr, N. (1988). Op. cit. p. 55. O itálico é meu.

Em contraste com a objetividade moderna, segundo a qual o cientista, como diz Lacan, “sabe que a natureza poderá vir exatamente ao encontro do compromisso que ele lhe dá”,<sup>28</sup> a mecânica quântica baseia-se no princípio de que “a natureza poderá vir exatamente ao encontro do compromisso que ele lhe dá”. A mecânica quântica se baseia em uma natureza que não mantém o compromisso, mas parece escolher livremente qual das possibilidades se tornará realidade.

Em alguns momentos de sua obra, Lacan parece buscar o fundamento epistêmico de sua psicanálise não mais na matemática, que afirma ser a garantia da objetividade, mas nos resultados incomuns da mecânica quântica. Estes últimos, longe de tentar eliminar a dimensão do engano implicada pela presença de um sujeito, dão a ele um lugar na própria natureza. Esse modelo é relevante para nós, psicanalistas, uma vez que explica uma ciência na qual o sujeito, longe de ter de ser apagado pela redução do mundo à pura combinatória matemática, ocupará ele próprio o lugar de objeto de conhecimento. Ou seja, a perspectiva científica para a qual Lacan propõe orientar sua psicanálise não mais a da natureza muda da modernidade, mas sim a de uma natureza que, como o sujeito do significante, é ela mesma enganosa.

O que foi dito acima está notavelmente condensado na seguinte citação de Lacan:

[...] dado o momento em que se desenvolve o progresso da física, seria errado imaginar que isso foi planejado de antemão, e que o átomo, o elétron, já fechou a boca [...].

Não é sobre isso. É claro que algo estranho ocorre no lado da linguagem. É a isto que se resume o princípio de Heisenberg [...]. Não estou a dizer que devemos permanecer sempre nesta posição eminentemente *zombeteira*, mas até segunda ordem podemos dizer que *os elementos não respondem onde são questionados*. Para ser mais exato: *se forem questionados em algum lugar, é impossível compreendê-los em conjunto*.

[...] Não vamos cair no misticismo, não vou acabar dizendo que os átomos e os elétrons falam. Mas por que não? Tudo é como sim. De qualquer forma, a coisa ficaria provada a partir do momento em que começassem a mentir para nós. Se os átomos mentissem para nós, se fossem espertos conosco, estaríamos justificadamente convencidos.

São coisas nas quais preferimos não pensar: se algum dia começassem a se agitar dentro de nós, veja onde iríamos parar. Não saberíamos mais onde estamos, é preciso dizer, e era nisso que Einstein pensava o tempo todo, sem deixar de se maravilhar. Ele era constantemente lembrado de que o Todo-Poderoso é um pouco

---

<sup>28</sup> Lacan, J. (2008). *El Seminario. Libro 2*. Aula de 29 de junho de 1955. Buenos Aires: Paidós. p. 440.

astuto, mas de forma alguma desonesto. Por outro lado, é a única coisa que permite [...] fazer ciência, isto é, finalmente, reduzir o Todo-Poderoso ao *silêncio*.

Quando se trata dessa *ciência humana por excelência chamada psicanálise*, nosso objetivo é alcançar o campo unificado<sup>29</sup> e fazer dos homens luas? Fazemos com que falem tanto só para silenciá-los?<sup>30</sup>

### Palavras finais

Se o inconsciente coincidissem com a suposta estrutura universal do espírito humano, como pensava Lévi-Strauss, a interpretação psicanalítica teria como objetivo remeter os sofrimentos particulares dos nossos pacientes a uma matriz meta-histórica. Em vez disso, a proposta de Lacan baseia-se numa consideração metodológica da estrutura como uma ferramenta para a investigação do inconsciente como saber não sabido e ainda não realizado. A estrutura será a ferramenta teórica por excelência para propor relações entre os termos do discurso. Contudo, sempre haverá novas articulações possíveis que permitam a continuidade da atividade estruturante. Esta perspectiva de estrutura é comparável à natureza quântica, que representa uma novidade no que diz respeito à natureza estática, previsível e independente do observador da modernidade.

A natureza quântica rompe a fronteira entre o mundo natural e o mundo humano, pois sua existência será indissociável da ação humana. O saber deixará de ser o reflexo fiel de um mundo observado a partir de uma exterioridade, mas sim o espaço onde se confluem as circunstâncias da investigação científica e o objeto da investigação. Sujeito e objeto se confundem nesta consideração do saber sobre o mundo, como uma estrutura simbólica que dependerá da ação humana para seu estabelecimento e posterior modificação.

---

<sup>29</sup> Aqui, “campo unificado” refere-se à lei da gravitação universal de Newton, segundo a qual o movimento dos corpos celestes e terrestres é governado pela mesma força da gravidade.

<sup>30</sup> Lacan, J. (2008). Op. cit. Aula de 25 de maio de 1955. p. 360. O itálico é meu.

## BIBLIOGRAFIA:

1. Barbut, M. (1967). O significado da palavra estrutura em matemática. Em Pouillon, J. e outros. (1967). *Problemas do estruturalismo*. Cidade do México: Siglo XXI.
2. Bohr, N. (1988). *Teoria atômica e a descrição da natureza*. Madri: Aliança Universitária.
3. Cruz, J. C. (1974). *Revista de Estudos Filosóficos*. Vol. 23, n.º 62.  
<http://estudiosfilosoficos.dominicos.org>
4. Derrida, J. (1989). *Escrita e diferença*. Barcelona: Antropos.
5. De Saussure, F. (1945). *Curso de linguística geral*. Buenos Aires: Losada.
6. Eco, U. (1986). *A estrutura ausente*. Barcelona: Lúmen.
7. Freud, S. (1991). *Obras completas*. Tomo XXIII. Buenos Aires: Amorrortu.
8. Galilei, G. (1981). *El Essayador*. Buenos Aires: Aguilar.
9. Lacan, J. (2007). A Terceira. Em *Intervenções e Textos*. Buenos Aires: Manantial.
10. Lacan, J. (2008). *El Seminario. Libro 2*. Buenos Aires: Paidós.
11. Lacan, J. (2008). *El Seminario. Libro 16*. Buenos Aires: Paidós.
12. Lacan, J. (2009). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. Em *Escritos I*. Cidade do México: Siglo XXI.
13. Lacan, J. (2009). Situação da psicanálise e formação do psicanalista em 1956. Em *Escritos I*. Cidade do México: Siglo XXI.
14. Lacan, J. (2009). A ciência e a verdade. Em *Escritos 2*. Cidade do México: Siglo XXI.
15. Lacan, J. (2010). *El Seminario. Libro 11*. Buenos Aires: Paidós.
16. Lévi-Strauss, C. (1979): Introdução à obra de Marcel Mauss, de Claude Lévi-Strauss. Em Mauss, M. (1979). *Sociologia e Antropologia*. Madri: Technos.
17. Lévi-Strauss, C. (1995). *Antropologia estrutural*. Barcelona: Paidós.
18. Polkinghorne, J. (2007). *Explorar a realidade*. Cantábria: Sal Terrae.
19. Prigogine, I. (1997). *Apenas uma ilusão? Uma exploração do caos à ordem*. Barcelona: Tusquets.

**PEDRO CARRERE**

Graduado em Psicologia (UBA). Sócio de Abertura Para Outro Lacan (APOLa) Buenos Aires.

E-mail: [pedro\\_carrere@hotmail.com](mailto:pedro_carrere@hotmail.com)